

A TRAJETÓRIA DE ALUNOS/AS INDÍGENAS DOS CURSOS DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS EM AMAMBAI/MS DA UEMS

José Felipe da Silva Santana
UEMS- felipesantanapd@gmail.com
Beatriz dos Santos Landa
UEMS - bialanda@uems.br

Eixo VI

Resumo

Os povos no Brasil, mesmo após 520 anos da chegada dos europeus no século XV, continuam completos desconhecidos da população brasileira. Poucos sabem os dados mais básicos como os dados apresentados pelo Censo de 2010 que apontou 305 povos localizados em todos os estados do território nacional, que falam 274 línguas nativas. Esta pesquisa teve como objetivo compreender como tem sido a trajetórias acadêmicas de indígenas nos cursos de Ciências Sociais e História, e como foi até a conclusão do curso. Foram colhidos os dados de 2015 até 2019 dos cursos e analisados a trajetória dos indígenas e comparando-os individualmente e, em determinado momento, com toda a sala, com os não cotistas e cotistas. A quantidade de alunos indígenas que ingressou na 1ª série em 2015 no curso de História, foram 7 indígenas, percebe-se que somente 1 chegou até a 4ª série em 2019 que foi o RGM 32536, sendo 14,28% do total que começou o curso em 2015. Nota-se também que os alunos indígenas não começam tão bem nos primeiros anos, no entanto, quando avançam para anos posteriores tem melhora nas notas, tanto no curso de história, como em ciências Sociais. Agora em Ciências Sociais, dos 11 alunos indígenas que ingressaram em 2015, somente 4 chegaram até a 4ª série representando 36,3% do total. Foi possível verificar que quando os indígenas obtêm notas muito abaixo da média, ocorre o mesmo com os não cotistas e cotistas negros. De forma geral, os indígenas são medianos na sua trajetória acadêmica.

Palavras-Chave: Educação Superior para Indígenas, Educação e Trajetória acadêmica

METODOLOGIA

Tendo em vista a amplitude do projeto os instrumentos para a obtenção e análise dos dados foram os seguintes:

- a) Acesso aos dados do Programa Rede de Saberes e da Divisão de Registro Acadêmico/DRA para obtenção dos dados já existentes na instituição;
- b) Pesquisa bibliográfica sobre a temática de indígena no ensino superior abordando, acesso, permanência, evasão, repetência e sucesso;
- c) Digitação, análise e interpretação dos dados referentes as atas finais de resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, foi concebida na primeira Constituinte do Estado, em 1979, e implantada em 1993, com objetivo de desenhar um novo cenário educacional no Estado, com sua sede em Dourados, MS. Sua história e missão é gerar e disseminar o conhecimento, com vistas ao desenvolvimento das potencialidades humanas, dos aspectos político, econômico e social do Estado, e com compromisso democrático de acesso à educação superior e o fortalecimento de outros níveis de ensino, contribuindo, dessa forma, para a consolidação da democracia.

O Programa Rede de Saberes que está sendo executado desde 2006 na UEMS, foram financiadas pela Fundação Ford, e juntamente com a Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS e a Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD promoveram ações realizadas tanto individual quanto coletivamente para apoiar a permanência dos estudantes indígenas no ensino superior, destacando-se entre elas a criação de laboratórios de informática em espaços diferenciados e próprios; cursos de formação diferenciada em Direito, Educação, Saúde, sustentabilidade; tutorias; apoio a organização e participação em eventos; discussão de políticas institucionais e públicas para o recebimento de bolsas, apoio a participação em editais, entre outros (AGUILERA URQUIZA, NASCIMENTO, 2013; AGUILERA URQUIZA et al, 2018; FERREIRA, LANDA, 2020; VIANNA et. al. 2014).

Todas estas atividades visam/savam maximizar a permanência dos estudantes indígenas e se inseriram, a priori, na assistência estudantil, mas tiveram que ser desdobradas em projetos de pesquisa e ações extensionistas cujos resultados ampliaram a aceitação deste segmento na instituição a partir de informações básicas sobre a temática indígena. Há que se destacar que a produção intelectual destes/as acadêmicos/as são apresentados em eventos científicos tem aumentado a visibilização deste novo segmento discente, que a partir das lutas e reivindicações iniciadas na década de 1980 começam a concretizar-se mais consistentemente neste início de século.

Ao buscar compreender porque a maioria dos indígenas apresenta dificuldade na sua inserção inicial nas universidades do MS, perceber-se que muitos deles são originários de territórios indígenas em que a língua materna é utilizada no criando vários desafios para a comunicação oral e escrita ao adentrarem em ambientes em que a língua indígena não é valorizada, tem que vencer o preconceito e o racismo de colegas, docentes e comunidade acadêmica com dificuldades com interação, alguns com dificuldade em fazer trabalhos no computador, e para isso precisam apoios específicos. Em relação à linguagem, há bastante distância entre os não indígenas e indígenas, e isso dificulta muito na sua permanência no

curso. Urquiza e Nascimento diz que.

Em primeiro lugar, o direito constitucional garante direitos iguais aos brasileiros e adicionais aos povos indígenas, como a educação em língua e calendário próprio. A garantia da igualdade de direitos de acesso à educação superior pelos jovens indígenas não pode ignorar que a questão da língua indígena, por exemplo, exige um tratamento diferenciado pelos processos seletivos (URQUIZA; NASCIMENTO, 2013, p.16).

As pessoas responsáveis pelo gerenciamento do Rede de Saberes sabedoras de todas essas dificuldades que os indígenas podem passar, criaram mecanismos para atender ao objetivo primeiro que é “a permanência de indígenas no ensino superior” (URQUIZA e NASCIMENTO, 2013, p. 37).

Na sua implantação, o Rede de Saberes teve várias ações, desde o institucional até aos alunos. Um dos mais importante é o diretamente relacionadas aos alunos, que ajudou em “desde monitorias e tutorias, passando pela possibilidade da fotocópia gratuita e por um espaço próprio de convivência entre os(as) estudantes” (URQUIZA e NASCIMENTO, 2013, p.39) assim como depoimentos de estudantes que se beneficiaram de xerox, apoio a pesquisa, tutorias (VIANNA et al. , 2014, p. 162). Estes apoios fizeram uma diferença muito grande na vida acadêmica dos e das estudantes indígenas, e é corroborado por depoimentos ao longo dos anos.

Tendo em vista que em virtude da pandemia não foi possível contatar os/as estudantes e os/as egressos/as, o projeto teve que direcionar seus esforços para apresentar e sintetizar os dados para compreender a trajetória acadêmica dos/as estudantes indígenas nos cursos de História e Ciências Sociais da Unidade Universitária de Amambai, localizada na cidade de Amambai.

Percursos avaliativos dos indígenas no curso de História da Unidade Universitária de Amambai

O curso de licenciatura em História de Amambai tem duração de quatro anos, é ofertado no período noturno, tendo suas disciplinas sendo realizadas anualmente. Foi criado pela Resolução CEPE-UEMS N°634 de 13 de julho de 2006 e implantado no ano de 2008, e reconhecido pela Deliberação CEE/MS n°9366, de 17 de setembro de 2010.

Ao analisar a quantidade de alunos do curso de história de Amambai que ingressaram no primeiro ano em 2015, percebe-se um total de 51 alunos, dos quais 42 (82%) são não cotistas, 2 (4%) são cotistas negros e 7 (14%) são indígenas matriculados na 1ª série do curso. Na trajetória desses alunos que eram da 1ª série, que foram aprovados para a 2ª série em 2016, houve uma drástica queda do número total de discentes se comparado ao ano anterior, de 51 para 21 alunos. Essa queda também foi significativa em relação aos não cotistas, sendo que em 2015 eram de 42 e, em 2016, o número caiu para somente 18. Entre os alunos negros não houve nenhum no ano seguinte, enquanto o número

de alunos indígenas caiu de 7 para 3. Ao avaliar o ano letivo de 2017, passando para a 3ª série, e compararmos esses alunos do ano anterior, percebe-se um leve aumento para 26 alunos em virtude de alunos que haviam ficado retidos anteriormente e que se matricularam novamente, onde 22 são não cotistas, 1 é negro e os outros 3 alunos indígenas se mantêm. No entanto, esses alunos indígenas, somente um de fato que avançou, sendo os RGM 35536. Já o indígena do RGM 28330 estava na 3ª série em 2015, no entanto, mas ficou retido e foi fazendo algumas matérias que reprovou nos anos anteriores, o que aconteceu o mesmo com o RGM 29846. Em 2019, na 4ª série (dado que em 2018 houveram somente alunos da 1ª série, pois só obtivemos as atas das demais séries), a quantidade foi de 29 alunos, sendo 24 não cotistas, 2 negros e 3 indígenas. Interessante ver que em todas as séries no curso de história sempre houveram indígenas, com no mínimo dois em cada ano, sendo o seu máximo no ano de 2019, totalizando 20 alunos indígenas, sendo o maior número desde 2015. Só houve um indígena que começou na 1ª série de 2015 e que chegou até a 4ª série em 2019, o indígena identificado pelo RGM 32536.

Verificando os dados desde a 1ª série ofertada no ano de 2015 e comparando com os não cotistas e cotistas, tal discente teve bom desempenho, pois em algumas disciplinas vários/as alunos/as ficaram com nota zero em todas as matérias matriculadas – um total de 14 alunos – e vários outros foram medianos e abaixo da média, com poucos acima da média e com nenhum alcançando a nota máxima. Se analisarmos somente a disciplina de Filosofia e História da Educação, pode-se avaliar essa como base para outras matérias na 1ª série, pois os resultados se assemelham. Esse indígena alcançou a nota 6,4, enquanto a maior nota da turma foi de um não cotista que obteve a nota 8,5. É importante destacar que nessa mesma matéria 19 alunos tiraram nota zero e 11 alunos não obtiveram a nota 6,0. Comparando este aluno com os/as demais indígenas, também chegamos à conclusão de que ele se saiu melhor, pois dos 6 alunos indígenas, 4 tiraram zero, 1 foi com nota 2,0 e outro não concluiu a disciplina.

Verificando os dados de outra disciplina do mesmo ano, que é Política Educacional Brasileira, esse indígena foi mediano com nota 6,0. No entanto, 17 alunos cotistas e não cotistas que tiraram nota zero em tal matéria, e tendo 3 indígenas também foram com nota zero, e um indígena tirando nota 2,3. No ano de 2016 só houve uma disciplina que este indígena foi abaixo da média que foi em Didática, com a nota 4,9. Comparando com os demais, a maior nota foi 7,8, sendo que 4 alunos foram com nota zero e somente 21 alunos fizeram essa matéria.

Em 2019, esse mesmo discente indígena não recebeu nenhuma nota baixa, sendo que sua maior nota foi em Metodologia do Ensino de História, onde obteve a nota 9,0 – sendo, por isso, a terceira melhor nota da sala, enquanto a primeira foi 9,7 e a segunda 9,5, ambas

de alunos não cotistas. Importante ressaltar que quatro alunos ficaram com nota zero e todos não cotistas. Em 2019, na 4ª série, o mesmo indígena só fez três disciplinas, que foram: Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Médio, onde tirou a nota 7,2 e considerando cotistas e não cotistas a maior nota da sala foi 8,7; também cursou Fundamentos em Educação Inclusiva, onde sua nota foi 6,8 e a maior nota da sala foi de um não cotista que obteve a nota 9,9 e a segunda maior nota foi de outro não cotista que tirou a nota 9,5; e, por fim, Informática Aplicada à Educação, onde tirou a nota 7,2 e em comparação com os outros indígenas, houve um que teve um desempenho melhor, tirando a nota 7,8 bem como outro que tirou a nota 8,8 sendo a sétima melhor nota da disciplina.

Partindo para uma formulação geral dos indígenas no ano e por série, no ano de 2015 na 1ª série já foi analisado acima. Na 2ª, 3ª e 4ª série, tanto os indígenas como os não cotistas e cotistas negros foram acima da média, tendo somente alguns com notas abaixo da média e muitos tirando zero em todas as disciplinas. Em 2016, na 1ª dos 6 indígenas, 4 foram bem, sendo que os outros 1 indígena tirando nota zero em todas e o outro tirando nota 1,9 na matéria que fez. Já na 2ª série, somente o indígena do RGM 32536 vai abaixo da média em uma matéria, indo acima nas demais. No entanto, tanto na 1ª e 2ª série vários alunos não cotistas vão com nota zero em mais de uma matéria. Importante destacar que nas 3ª e 4ª séries os indígenas têm melhores resultados que os demais. Na 3ª série será destacada a disciplina de Sociologia na qual a maior nota da sala foi de um indígena que tirou a 9,8 onde somente um aluno tirou a mesma nota e foi um não cotista. Já na 4ª série na matéria de Informática Aplicada à Educação, novamente, a maior nota foi um indígena, tirando nota dez (10,0) e saiu-se muito bem nas demais disciplinas com exceção de História Contemporânea onde obteve a nota 2,7. No entanto, tendo a maior nota nessa matéria um aluno não cotista que tirou 6,6, mas dos 15 alunos que fizeram essa matéria, nenhum tirou nota sete, sendo 6 alunos medianos e o restante nem atingindo a média que é 6,0.

Em 2017, na 1ª série, nenhum dos nove indígenas ficou com nota abaixo

da média, tendo muita nota zero e abaixo da média dos cotistas e não cotistas. Na 2ª série os alunos indígenas, de forma geral, são medianos na comparação com os demais, indo com notas abaixo da média somente nas disciplinas de Psicologia da Educação e Historiografia Brasileira. Já na 3ª série do mesmo ano, os indígenas se saem satisfatoriamente, tendo em vista que muitos não cotistas ficaram com zero na maioria das disciplinas e os indígenas que fizeram algumas matérias foram bem também.

Um dado importante em História da América, dos 26 alunos cinco ficaram com nota zero, sendo dois deles indígenas e outro não fez a disciplina. Na 4ª série, os indígenas saem-se muito acima da média, onde somente um indígena tirou duas notas abaixo da média, e na disciplina de História Indígena a maior nota foi de um cotista negro, a segunda um indígena, a terceira um não cotista e a quarta maior um indígena novamente.

Em 2018 na 1ª série os indígenas não foram bem, variando muito em algumas disciplinas ficaram na média, mas na maioria foram abaixo da média, se comparado com os demais. No entanto, dos 15 indígenas chamou a atenção indígena identificado pelo RGM 40669 que obteve somente uma nota na média, as demais todas acima da média. Agora os não cotistas e cotistas, tendo somente um que tirou a nota 2,2 e tendo três indígenas na matéria de História dos Povos Indígenas do Brasil tiraram nota zero, e outros 10 alunos/as cotistas e não cotistas que tiraram a nota zero, sendo todas essas reprovações por falta. No último ano, em 2019 na 1ª série de uma forma geral, dos 20 indígenas, somente 5 conseguiram estar acima da média em pelo menos duas matérias, sendo que 3 que tiraram zero em todas as disciplinas que fizeram, reprovando por falta nelas. Comparando com os não cotistas e cotistas a situação é parecida, pois dos 21 não cotistas, 7 deles tiveram ao menos duas notas médias e 8 alunos

tiraram nota zero em todas as disciplinas que fizeram, sendo reprovados por falta. Na 2ª série, com um percentual de 55% da sala composta por indígenas,

eles não foram bem em comparação aos não cotistas, tendo somente um indígena que não tirou nota abaixo da média, sendo que dos 9 alunos não cotistas 7 não ficaram com notas abaixo da média, um número alto, tendo em vista que mais da metade da sala era de indígenas. O aluno indígena que não tirou nenhuma nota abaixo da média foi o mesmo aluno do ano de 2018 que estava na 1ª série e que naquele ano também foi bem em comparação aos outros. Importante destacar que dos 11 alunos indígenas, 4 tiraram nota zero em todas as disciplinas que fizeram por falta, não tendo nenhum aluno não cotista com tal resultado.

Na 3ª série os indígenas situam-se na média ou acima da média em algumas matérias, com exceção de uma ou duas matérias que foram abaixo da média. No entanto, o melhor aluno da sala foi um cotista negro que não tirou nenhuma nota abaixo de 8,0 tendo também duas notas 10,0. Vale ressaltar que é o único aluno cotista da sala. Importante destacar aqui que vários alunos indígenas em Amambai não ingressam no curso pelas cotas, mas pelos demais processos seletivos da UEMS. Já na 4ª série, os indígenas obtêm boas notas tendo somente 3 notas abaixo da média. No entanto, comparando-os com o cotista negro suas notas ficam abaixo, pois o cotista não teve nenhuma nota baixa e com pelo menos uma nota 10,0 feito que nenhum indígena atingiu nesse ano.

Percursos avaliativos dos indígenas no curso de Ciências Sociais da Unidade Universitária de Amambai

O curso de Ciências Sociais, na modalidade licenciatura é ofertado no período noturno e sábado no matutino, sendo presencial e também anual, tendo 40 vagas de ingresso no total. O curso de Ciências Sociais foi criado por meio da Resolução CEPE- UEMS N°634 de 13 de julho de 2006 e implantado no ano de 2008. Os objetivos do curso são desenvolver

atividades de docência; desenvolver atividades de pesquisa em educação e nas áreas das ciências sociais, considerando que todo professor deve ser pesquisador; formular, acompanhar e desenvolver políticas e projetos pedagógicos na área; atuar na área de formação junto ao setor público e privado.

No curso de Ciências Sociais, no ano de 2015 tendo somente a 3ª e 4ª séries já é possível notar uma grande diferença em relação aos resultados dos indígenas para os não indígenas. Na 3ª série só estavam cursando 5 alunos, sendo 4 não cotistas, nenhum aluno negro e somente 1 indígena. Na 4ª série a quantidade foi de 26 alunos/as, com 24 não cotistas, com 1 cotista negro e 1 indígena. A explicação para um aumento significativo para a série seguinte, é que muitos alunos, tanto os não cotistas e o único indígena estavam retidos e fizeram algumas matérias na série anterior.

No ano seguinte, em 2016, na 1ª série havia 48 alunos, sendo 36 (75%) não cotistas, 1 (2%) de cotistas negros e 11 (23%) indígenas. Em 2017, na 2ª série o número de matriculados caiu para 31 alunos, com 23 não cotistas, nenhum cotista negro e 8 indígenas. Em 2018 tem dados somente da 1ª série, assim como no curso de História em 2018, vários alunos ficaram retidos nas séries anteriores e fizeram as matérias em 2018. Sendo assim, em 2019, na 4ª série estavam matriculados 21 alunos no total, com 15 não cotistas, novamente não tendo nenhum cotista negro e 6 indígenas.

Diferente do curso de História, o curso de Ciências Sociais teve no mínimo 1 aluno indígena por série, tendo seu máximo em 2018 e 2019 com 20 indígenas na 1ª série dos respectivos anos.

Dos 11 indígenas que iniciaram o curso em 2016, somente 4 conseguiram cursar no tempo correto a 4ª série em 2019, representando 36% do total. Analisando de forma mais detalhada esses alunos, pois estavam desde 2016, um dado muito importante é que nenhum tirou nota abaixo da média no curso todo e, em comparação com os/as demais alunos/as eles tiveram uma trajetória acadêmica em termos de notas muito boa, sendo que em algumas disciplinas até melhor. Em 2016, em Introdução à Metodologia Científica, desses quatro indígenas, somente um deles não cursou, sendo que dois tiraram nota 9,0 e uma nota 8,8. Em comparação aos demais colegas, 10 alunos ficaram com a nota zero e somente 4 alunos conseguiram a nota 10,0. No entanto, analisando a disciplina de História I (2016) e História II (2017) esses indígenas mantêm-se na média da turma.

No ano de 2015 como tem só os dados da 3ª e 4ª séries, é possível notar que o único indígena do RGM 22793 fez somente a matéria de “Estágio Curricular Supervisionado no Ensino de Ciências Sociais I” e tirou nota 8,0, e que também é o único na 4ª série, e que só obteve uma nota média, sendo o restante acima da média.

Já no ano de 2016, na 1ª série com exceção de dois indígenas dos onze que estavam cursando, apresentaram nota zero. Em comparação com não cotistas e cotistas, a quantidade

de alunos que ficam com nota zero é muito maior, em um total de 12 alunos, e os demais indígenas ficam acima da média em todas as matérias. Na 2ª série é onde se verificam as piores notas: dos 32 alunos, 7 deles tiraram zero em todas as matérias, com 5 alunos com pelo menos um zero nas notas. Desses sete alunos que ficaram com nota zero em todas as matérias, 2 são indígenas. Desses alunos que tiraram nota zero em todas as matérias que fizeram ou em pelo menos em uma, todas foram reprovadas por falta. Verificando o total de indígenas, pode parecer pouco a quantidade dos

que não contém notas na média da universidade, mas são 25% do total que tiraram zero em tudo, uma quantidade muito preocupante. Dos outros 5 indígenas, somente 3 fizeram todas as matérias e tiraram notas acima da média. Na 3ª série de modo geral, os indígenas são medianos em termos de notas, no entanto, na matéria de Filosofia e História da Educação dos 7 indígenas, somente 1 tirou nota 7,0, quatro ficaram com nota zero e 1 que tirou nota 1,0 e outro que não fez a disciplina. Vale ressaltar que a maior

nota nessa disciplina foi de um não cotista que tirou nota 8,3, e tendo 5 alunos não cotistas tirado a nota zero e 1 abaixo da média. Já na 4ª Série, os indígenas obtêm bons resultados, tendo somente um que tirou a nota zero, assim como outros 6 alunos não cotistas.

Em 2017 na 1ª série dos 8 alunos indígenas 3 não obtiveram notas na média, tendo a maior nota 3,3, os outros 5 indígenas com algumas matérias na média e em outras acima da média. No entanto, dos 29 não cotistas, 10 alunos tiraram zero em todas as matérias que fizeram, pois foram reprovados por falta, e com 4 alunos que obtiveram pelo um ou mais zeros em mais de uma disciplina. Na 2ª série dos 8 alunos indígenas, 5 mantiveram-se acima da média, tendo 1 que não teve média em todas as matérias e um aluno indígena com zero em todas as matérias.

Dos 23 não cotistas, 4 tiveram zero em todas as matérias, e 3 constam zero em pelo menos uma disciplina. Já na 3ª série os indígenas que cursam as disciplinas mantêm-se na média, pois os não cotistas também não se destacam em todas as matérias, tendo muito mais alunos abaixo da média e muitos tirando nota zero em algumas matérias, se comparado com os indígenas. Na 4ª série dos 5 indígenas, 3 tiveram notas superiores a 10 alunos não cotistas, tendo somente 1 indígena que tirou só uma nota abaixo da média e também somente um que tirou mais de uma nota abaixo da média.

Em 2018, com somente os dados da 1ª série, tendo 20 alunos (51%) indígenas, percebemos que destes/as somente 4 tiveram ao menos um zero em mais de uma disciplina. No entanto, dos 18 alunos não cotistas 5 tiraram zero em todas as matérias, isso não aconteceu com nenhum indígena. E dos 20 alunos indígenas, 17 foram acima da média em mais de uma matéria. O único aluno cotista negro, das 11 disciplinas feitas, tirou a nota zero em 9 matérias, depois uma nota 4,6 e outra nota 4,0. Nota-se que esse aluno cotista reprovou nas matérias por falta e nas únicas matérias que tirou alguma nota, também

reprovou por falta. Isso também acontece com os alunos não cotista e com os Indígenas que foram abaixo da média, não indo bem por falta e acaba reprovando pelo mesmo.

Por fim, no último ano que é 2019, na 1ª série é importante notar que são 11 disciplinas ao todo e com tudo isso, dos 20 alunos indígenas 14 conseguem manter-se acima da média na maioria das disciplinas, indo abaixo da média em no máximo duas, mas 6 obtém nota zero em todas disciplinas que se matricularam, o que se caracteriza como abandono, pois reprovaram por falta nessas matérias. Entre os 29 não cotistas, 8 tiram nota zero em mais de uma disciplina. A 2ª série é a melhor do curso, tendo 17 (63%) alunos indígenas e 13 obtendo notas acima da média e somente 4 indo abaixo da média em mais de uma disciplina, sendo que dos 10 alunos não cotistas, somente 3 tiraram e mantiveram-se abaixo da média em ao menos uma disciplina.

Já na 3ª série, dos 6 alunos indígenas 3 não foram abaixo da média em pelo menos uma matéria e dos 17 alunos não cotistas 3 ficaram com nota zero em todas disciplinas. Teve 3 alunos que tiraram duas notas 10,0 e 1 aluno que tirou somente uma nota 10,0, mas comparando com os indígenas, a maior nota foi 9,0. Na 4ª série, dos 6 indígenas, 5 não tiraram notas abaixo da média e somente 1 manteve-se abaixo da média em todas as matérias. A média de notas nessa série é alta e os 5 indígenas foram notas altíssimas. O interessante é que dos 15 alunos não cotistas, 2 foram medianos e/ou abaixo da média em alguma matéria.

EGRESSOS E EGRESSAS DO CURSO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

A partir dos dados produzidos pelo Programa Rede de Saberes, no curso de História da Unidade Universitária de Amambai se graduaram 17 estudantes indígenas desde que o curso foi implantado.

Tabela 1 – Egressos e egressas do curso de História de 2008 a 2019

Ano de graduação	Nome
2008	Daiane Aquino Cáceres Antonino Gomes
2009	Alcindo Lopes
2010	Maria Rosa Martins
2011	Daniel Samaniego
2012	Eldo Ramires Cano
2013	Daniel Lemes Vasques Edivaldo Martim
2014	Não teve graduados
2015	Aparecida Benites Elize Martins Elk Kelly Francismara Rodrigues Evandro Cáceres
2016	Geraldo Domingues
2017	Witor Rocha Domingues Jhon Tailor Chamorro de Aquin
2018	Makiel Aquino Valiente
2019	Sandy Velário Ortiz

2020	Altair nunes garay Ediane ricarte
------	--------------------------------------

Fonte: Programa Rede de Saberes, 2021

A maioria está atuando em escolas indígenas, mas não na disciplina História, sendo que alguns cursaram Licenciatura Intercultural Teko Arandu na UFGD.

Tabela 1 – Egressos e egressas do curso de Ciências Sociais de 2011 a 2019

Ano de graduação	Nome
2011	Valdinei Lima
2012	Ursula Velasque
2013	Sem formandos
2014	Luzinei Da Silva Nunes
2015	Sem formandos
2016	Adelia Flores Lopes Holiwanderson Garay Duarte
2017	Algacir Amarilia Lúcia Pereira
2018	Osmar Moraes Paulo Apolinario Bispo Jayson De Souza Moraes
2019	Dizolaina Riquerme Benites Ezequiel Valiente Jaquison Lima Benites Martina Almeida Narciso Rossate (G/K)
2020	Jaquéli Domingues Vandalicia Batista Oliveira

Fonte: Programa Rede de Saberes, 2021

A partir dos dados produzidos pelo Programa Rede de Saberes, no curso de História da Unidade Universitária de Amambai se graduaram 17 estudantes indígenas desde que o curso foi implantado.

Em torno de 50% está atuando em escolas indígenas, mas não em disciplinas relacionadas à formação recebida, sendo que alguns cursaram Licenciatura Intercultural Teko Arandu na UFGD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A quantidade de alunos indígenas que entrou na 1ª série em 2015 no curso de História, em um total de 7 indígenas, percebe-se que somente 1 chegou até a 4ª série em 2019 que foi o RGM 32536, representando 14,28% do total que começou o curso em 2015. Esse único indígena que chegou até a última série, não tirou nenhuma nota abaixo da média no curso. Percebemos também que os alunos indígenas não começam tão bem nos primeiros anos, sendo muito melhor na 3ª e 4ª séries do curso, isso tanto no curso de História, como em Ciências Sociais.

Já em Ciências Sociais, dos 11 alunos indígenas que ingressaram em 2015, somente 4 chegaram até a 4ª série, que foram os RGM 32838, 33685, 33676 e 33686, sendo 36,3% do total. Novamente esses indígenas não tiraram nenhuma nota abaixo da média, obtendo

notas maiores que os não cotistas e cotistas negros.

Nota-se também que quando os indígenas apresentam notas muito abaixo da média, os não cotistas e cotistas negros na maioria das vezes também têm desempenho ruim, até mais que os indígenas, pois são superiores em quantidade da sala. Sendo assim, de forma geral, os indígenas são medianos, tendo alguns indo acima da média no curso todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA URQUIZA, A. H.; BRAND, A.; BROSTOLIN, M.; FERREIRA, E. M. L.; AZAMBUJA, F.; LANDA, B. S. **Rede de Saberes**: o cotidiano de uma experiência de interculturalidade na universidade. In: Antônio Carlos de Souza Lima; Maria Macedo Barroso. (Org.). O projeto trilhas de conhecimentos e o Ensino Superior de indígenas no Brasil: uma experiência de fomento e investigação para ações afirmativas. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2018, v. 1, p. 207-232.

AGUILERA URQUIZA, A. H.; NASCIMENTO, A. C. **Rede de Saberes**: políticas de ação afirmativa no Ensino Superior para indígenas no Mato Grosso do Sul. 1. ed. Rio de Janeiro: FLACSO, 2013. v. 1. 86 p.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil** [recurso eletrônico]. Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação, 2019, 577 p. Atualizada até a EC n. 105/2019.

FERREIRA, Eva Maria Luiz; LANDA, Beatriz dos Santos. Encontros de estudantes indígenas de Mato Grosso do Sul: desafios, protagonismo e interculturalidade no Ensino Superior. *Movimento-Revista de Educação*, Niterói, ano 7, n.13 p. 270-297, 2020.

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. **Lei n. 2.589, de 26/12/2002**. Dispõe sobre reserva de vagas na UEMS para indígenas. Campo Grande, MS, 2002.

UEMS. **Resolução COUNI n. 241, de 17/07/2003**. Dispõe sobre a oferta das vagas em regime de cotas dos cursos de graduação da UEMS. Dourados, MS, 2003.

IBGE (2010). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo**. Disponível em: <http://www.ibge.br>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

VIANNA, F. L. B. V.; FERREIRA, E. M.; LANDA, B. S.; AGUILERA URQUIZA, A. H. **Indígenas no Ensino Superior**: as experiências do programa Rede de Saberes, em Mato Grosso do Sul. 1ª ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2014.

Sites acessados:

<http://www.uems.br/perfil>. Dispõe sobre o perfil da faculdade. Acesso em: 31/08/2021.

<http://www.uems.br/historia>. Dispõe sobre a história e missão da UEMS. Acesso em 31/08/2021.

<http://www.uems.br/graduacao/curso/ciencias-sociais-licenciatura-amambai>. Sobre a apresentação do curso de Ciências Sociais. Acesso: 31/08/2021.

<http://www.uems.br/graduacao/curso/historia-licenciatura-amambai>. Dispõe sobre a apresentação do curso de história. Acesso em: 31/08/2021.